

**REPENSANDO ENTREVISTAS NA PESQUISA NARRATIVA:
IMPLICAÇÕES TEÓRICAS DO CONCEITO DE "COMUNICABILIDADE"
PARA UMA ABORDAGEM INTERACIONAL**

**RETHINKING INTERVIEWS IN NARRATIVE RESEARCH:
THEORETICAL IMPLICATIONS OF "COMMUNICABILITY" IN AN
INTERACTIONAL APPROACH**

Murilo Silva de ARAÚJO¹

RESUMO: O presente trabalho propõe algumas discussões em torno do conceito de **comunicabilidade**, desenvolvido pelo linguista Charles Briggs, a fim de pensar as possíveis implicações do conceito para a discussão sobre a prática de entrevistas em pesquisas sobre narrativas no campo da Linguística Aplicada. Como ponto de partida, o artigo toma o panorama contemporâneo destes estudos, onde têm sido desenvolvidas diversas abordagens teóricas vinculadas a uma perspectiva interacional. Nota-se que, quando tais pesquisas envolvem a produção de entrevistas como ferramenta de geração de dados, tal abordagem ainda tem encontrado algumas lacunas, dada a intensa circulação de ideologias, teorias e metodologias que limitam a reflexão do pesquisador a respeito do próprio papel na construção das performances narrativas de seus participantes. A fim de oferecer alguns *insights* que contribuam para preencher tais lacunas e aprimorar estas práticas de pesquisa, o trabalho propõe a articulação de uma visão performativa e interacional das narrativas e das entrevistas com o conceito de comunicabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicabilidade. Entrevista. Narrativa. Performance. Abordagem interacional.

ABSTRACT: The present work proposes some discussions about the concept of **communicability**, developed by the linguist Charles Briggs, to think about the possible implications of the concept for the discussion about the practice of interviews in narrative research, in the field of Applied Linguistics. As a starting point, the paper takes the contemporary panorama of these studies, in which several theoretical approaches have been advocating an interactional perspective. However, it is remarkable that when such researches involve the production of interviews as methodology for data generation, this approach is still finding shortcomings, given the intense circulation of ideologies, theories and methodologies that limit the perceptions of the researchers on their own role in constructing the narrative performances of participants. In order to offer some insights that contribute to fill these gaps and to improve these research practices, the paper aims to link a performative and interactional view of narratives and interviews with the concept of communicability.

KEYWORDS: Communicability. Interview. Narrative. Performance. Interactional approach.

1. Doutorando do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: murilodearaujo@yahoo.com.br.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

*Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio.*

– Mário de Sá Carneiro

O presente trabalho propõe algumas discussões em torno do conceito de **comunicabilidade**, construto teórico desenvolvido pelo linguista-antropólogo Charles Briggs, tentando pensar as possíveis implicações do uso deste conceito para uma discussão teórica e metodológica sobre o uso de entrevistas como ferramenta de geração de dados em pesquisas sobre narrativas.

Tenho como ponto de partida o panorama contemporâneo de estudos debruçados sobre narrativas no campo da Linguística Aplicada, onde têm sido desenvolvidas diversas abordagens teóricas vinculadas a uma perspectiva que se propõe interacional e performativa, preocupada em entender o modo como narrativas são co-construídas na relação entre o narrador e sua audiência – cito, por exemplo, Coupland, Garrett e Williams (2005), De Fina e Georgakopoulou (2012), Langellier (2001), Moita Lopes (2006), Squire *et al.* (2014), Threadgold (2005), Wortham (2001), entre outros autores que têm dado importantes contribuições para a teorização sobre narrativas.

O centro de minha preocupação, contudo, está no fato de que ainda são poucas, neste panorama, as teorizações que se debruçam sobre as questões teóricas e metodológicas que se desenrolam quando tal abordagem interacional precisa ser investida em pesquisas que envolvem a produção de entrevistas como técnica de geração de dados – contextos em que o papel da audiência se confunde com o papel do pesquisador. A fim de apontar caminhos para preencher estas lacunas, quero propor neste trabalho a articulação de uma visão performativa e interacional da narrativa com o conceito de comunicabilidade. Meu argumento é que tal associação pode oferecer alguns *insights* importantes para complexificar a maneira como pensamos e construímos nossas práticas de comunicação e pesquisa no campo da Linguística Aplicada.

O artigo se inicia com uma breve discussão sobre a visão de **narrativas como performances**, que adoto aqui, a partir de uma perspectiva interacional. Em seguida, me dedico ao debate sobre a categoria de comunicabilidade: inicialmente, apresento o conceito em linhas gerais, e em seguida discuto as implicações do conceito para uma teorização sobre entrevistas, apontando, a partir da crítica de Briggs (2007a), algumas ideologias que costumam informar estas práticas. No capítulo seguinte, apresento uma breve análise de da-

dos, revisitando criticamente uma entrevista que realizei como parte de minhas pesquisas, avaliando algumas imbricações entre performance narrativa e comunicabilidade. Ao fim do trabalho, traço algumas últimas considerações, pontuando desafios e perspectivas que se apresentam como fruto dessas articulações teórico-metodológicas.

2. NARRATIVAS COMO PERFORMANCES

Nas teorizações contemporâneas a respeito das narrativas, particularmente nas que tomam as **narrativas como performances**, as reflexões sobre o ato de fala performativo na obra de John Austin (1990 [1962]) têm ocupado um lugar central. Na percepção do filósofo, os usos cotidianos da linguagem não servem apenas para descrever ou constatar coisas, mas também para realizar ações. Em outras palavras, nossos enunciados criam aquilo que descrevem, de modo que dizer coisas seria também um modo de fazer coisas no mundo. Judith Butler (1997, 2014 [1990]), importante referência do campo dos estudos *queer*, desenvolvendo a tese austiniana, argumenta que esse papel produtivo da linguagem sobre a realidade se aplica também aos corpos, às identidades, aos sujeitos e aos modos como eles são diferentemente produzidos e regulados dentro das estruturas sociais. Assim, para ela, os processos de produção do sujeito não podem ser separados dos seus processos de produção corpóreo-discursiva, de modo que não pode existir um sujeito dado e pré-formado fora da linguagem ou anterior a ela: em sua percepção, isso que entendemos por sujeito é um feito, um **efeito** e não uma causa dos seus discursos e das suas performances (BUTLER, 2014 [1990]).

Essa discussão, já de início, aponta pistas importantes para a teorização da narrativa enquanto performance, especialmente em pesquisas interessadas em questões de identidades e sociabilidades. Se entendemos que aquilo que “somos” é produzido enquanto efeito dos nossos discursos, a conclusão quase necessária a que chegamos é que os sentidos mobilizados pelos falantes em suas narrativas também possuem efeitos produtivos sobre o mundo e sobre os próprios sujeitos.

Porém, ao falar em **narrativas como performances**, algumas perspectivas teóricas têm ido um pouco além disso, pensando a dimensão performativa das narrativas para além do puro “conteúdo” dos discursos relatados pelos indivíduos. Como indica Langellier (2001), tratar a narrativa enquanto performance significa entendê-la em duas dimensões que operam simultaneamente: primeiro, a dimensão da narrativa enquanto representação/encenação de um fazer; e segundo, a dimensão da narrativa enquanto um fazer em si mesma. Tal abor-

dagem procura dar conta da distinção e das conexões que há entre o evento que está sendo narrado, e o próprio evento de narrar, que é, em si mesmo um ato de fala performativo. Desse modo, o caráter performativo da narrativa não está apenas na forma como os sujeitos relatam eventos, mas também no modo como desempenham a performance de quem são, enquanto relatam os eventos (COUPLAND; GARRETT; WILLIAMS, 2005; LANGELLIER, 2001; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012).

Um desdobramento importante desta compreensão tem relação com o fato de que ela necessariamente exige uma abordagem interacional da linguagem e da própria narrativa: se o **evento narrado** envolve apenas o evento que é apresentado na enunciação, o **evento narrativo**, por sua vez, envolve também o contexto interacional situado em que os falantes narram (WORTHAM, 2001), compreendendo inclusive o papel da audiência (COUPLAND; GARRETT; WILLIAMS, 2005). Como afirmam Squire *et al.* (2014), as narrativas são sempre co-construídas e co-performadas; ou, ainda, nas palavras de Coupland, Garrett e Williams (2005), podemos dizer que as performances não são apenas **para** as audiências, mas são também **pelas** audiências. Como Langellier (2001, p. 151) aponta:

Da perspectiva da performance e da performatividade, a análise da narrativa não é apenas semântica, empreendendo a interpretação de significados, mas deve ser também pragmática: analisando os embates em torno dos significados e das condições e consequências de contar uma história de um modo particular. A performatividade contextualiza a narrativa dentro da política do discurso, isto é, das redes institucionalizadas de relações de poder.

Tendo isso em perspectiva, entende-se que as narrativas em performance irão sempre envolver alguma dimensão interacional de negociação e/ou disputa, organizadas em torno de certas relações sociais e de poder – incluindo relações institucionais, como aquelas em que pesquisadores costumam estar profundamente envolvidos e implicados. Neste panorama, é importante problematizar de modo mais apurado as configurações que as performances narrativas tomam em contextos de entrevistas de pesquisa, quando o papel de audiência se confunde com a figura do pesquisador. Neste trabalho, quero propor a noção de comunicabilidade como uma ferramenta particularmente útil para que nós, pesquisadores, possamos criar olhares mais atentos à nossa própria participação, que não é isenta, na construção das performances que analisamos – investigando, inclusive, a maneira como os participantes também nos constroem nas interações. Introduzo alguns elementos desta discussão na seção a seguir.

3. O CONCEITO DE COMUNICABILIDADE

A noção de **comunicabilidade** tem sido um dos objetos centrais das teorias do autor Charles Briggs (2005, 2007a, 2007b), pesquisador vinculado ao campo da Antropologia Linguística. Em suas discussões, o autor propõe o desafio de pensar a respeito das nossas “imaginações” do que seja isso a que chamamos de “comunicação”, atentando para a forma como estas imaginações interferem nas nossas práticas comunicacionais – ou, em outras palavras, nas nossas interações através da linguagem. Parte de suas teorizações surgiu como resultado de uma etnografia em que o autor analisou a forma como mídias noticiaram informações a respeito de uma epidemia de cólera na Venezuela, no começo dos anos 1990. Neste contexto, o que Briggs observou é que certas categorias sociais ligadas a saúde eram construídas pelas mídias sempre em interconexão com certas visões de linguagem e de comunicação.

Neste caso, no processo de classificar cidadãos como saudáveis ou como insalubres no contexto da epidemia, o que estava em jogo não era apenas (i) o nível de exposição e vulnerabilidade à infecção, ou (ii) a desigualdade material que fazia com que algumas pessoas tivessem mais acesso a cuidados médicos que outras; mais que isso, tal processo também envolvia (iii) os modos como o conhecimento “autorizado” a respeito da doença era – desigualmente – distribuído; e (iv) a forma como esta distribuição envolvia a construção de certas ideologias comunicativas que posicionavam algumas pessoas como produtoras de conhecimento, outras como tradutoras e/ou divulgadoras, e outras como meras receptoras, de modo que algumas ainda acabavam posicionadas fora desse jogo. A ideia de comunicabilidade, segundo Briggs (2005) teria a ver com os dois últimos aspectos – e não apenas em relação a discursos sobre saúde.

Assim sendo, o conceito tem envolvido a empreitada de propor um “modelo para analisar o poder das ideologias da comunicação em produzir subjetividades, organizá-las hierarquicamente, e em recrutar pessoas para ocupá-las” (BRIGGS, 2005, p. 269). De acordo com o autor, ao falar ou escrever, as pessoas constroem uma série de projeções a respeito dos discursos que enunciam – seus pontos de origem, modos de circulação, audiências pretendidas, modos de recepção, tempos, espaços, trajetórias, relações sociais, posições de sujeito, etc. Neste caso, comunicabilidade “se refere às **construções socialmente situadas dos processos comunicativos** – modos pelos quais as pessoas imaginam [e projetam] a produção, a circulação e a recepção dos discursos” (BRIGGS, 2007a, p. 556, grifo meu).

Briggs (2005, 2007a, 2007b) chama tais projeções de **cartografias comunicáveis**: “mapas” de comunicabilidade que são produzidos e incorporados nos/

pelos próprios textos, e que não apenas projetam, mas também regulam estas trajetórias de produção, circulação e recepção, num processo que é tanto performativo – porque produz, discursivamente, efeito sobre tempos, espaços, sujeitos e identidades – quanto interacional – uma vez que estes efeitos estão em constante negociação e disputa no curso das interações. Nas palavras do autor:

Formas de comunicabilidade são situadas dentro do que Bourdieu chama de campos sociais, arenas de organização social que produzem papéis sociais, posições, agência e relações sociais que moldam (sem determinar) como indivíduos e coletivos são interpelados por eles e os ocupam. Cartografias comunicáveis criam posições que conferem diferentes graus de acesso, agência e poder, recrutam pessoas a ocupá-las, e as convidam a construir práticas de construção de si, em seus termos (...). Esse processo é poderoso, formatador e contestável: a despeito da sua base em desigualdades materiais e institucionais, mapas comunicáveis alcançam efeitos à medida que as pessoas respondem aos modos como os textos tentam interpelá-las – incluindo a recusa a localizar-se nas posições que eles oferecem, revisando-os criticamente ou recusando-os. Enquanto recebem um texto, as pessoas podem aceitar a cartografia comunicável projetada, aceitá-la, mas rejeitar a maneira pela qual ela procura posicioná-las, tratá-la de forma crítica ou parodicamente, ou invocar cartografias alternativas (BRIGGS, 2007a, p. 556).

Assim, para Briggs, o desafio proposto em uma discussão interessada na questão da comunicabilidade é o de ponderar “não apenas o conteúdo das mensagens, mas o modo como as construções ideológicas da sua produção, circulação e recepção moldam identidades e grupos sociais, ordenando-os hierarquicamente” (Briggs, 2005, p. 275).

É precisamente aqui que localizo a pertinência da relação que pretendo demarcar, entre o conceito de comunicabilidade e a noção de narrativa como performance. Considerando que assumimos (i) que é necessário analisar a narrativa para além do conteúdo narrado, considerando também o próprio evento narrativo; e (ii) que uma análise do evento narrativo precisa considerar a sua dimensão interacional, envolvendo a maneira como o narrador molda a sua narrativa em função das suas audiências e do contexto situado da interação; podemos dizer, de certo modo, que uma análise de narrativas em performance deve investir também na investigação das cartografias comunicáveis que são projetadas e disputadas pelo narrador e por seus interagentes.

Essa articulação é valiosa, porque uma preocupação maior e mais explícita com a questão da comunicabilidade pode complexificar as abordagens interacionais da pesquisa narrativa, que por vezes ainda se mostram incipientes

e pouco desenvolvidas quando os dados são gerados em contextos de entrevista, tendo o próprio pesquisador como audiência mais imediata. A propósito, em relação a esta questão, é interessante discutir aqui os modos como o próprio Briggs enxerga as implicações do conceito de comunicabilidade para a prática das entrevistas – discussão que ele levanta em um ensaio publicado em 2007, no periódico *Current Anthropology*.

De início, Briggs revisita, criticamente, três ideologias linguísticas centrais que informam nossa compreensão contemporânea a respeito das entrevistas – ideologias que, penso eu, costumam ser vastamente mobilizadas em pesquisas que optam por utilizar entrevistas como ferramenta metodológica de geração de dados. A primeira dessas ideologias tem relação com a teoria de linguagem de John Locke, para quem a mente individual e autônoma seria um *locus* privilegiado de comunicação, de modo que as expressões dos indivíduos teriam uma ligação direta e transparente com aquilo que se passa em seu “interior” – visão que, por sinal, é reproduzida em muitos campos dos estudos linguísticos, que operam ainda a partir da perspectiva que Bakhtin (2014 [1929]) já criticava: o “subjativismo individualista”.

A segunda ideologia, a princípio, pode parecer oposta à primeira: envolve uma ideia de “discurso público” ou de “esfera pública” que é vista como aberta para ser ocupada por todos os “homens”, sendo que, nela, os indivíduos fariam de modo apartado das suas identidades e interesses mais particulares. Não se trata, porém, de uma completa relação de oposição, mas de complementaridade: segundo Briggs, a dicotomia público-privado é central na construção da sociedade e da política moderna, e envolve a construção de uma série de mecanismos discursivos que permitem aos “homens” transitar entre estes diferentes domínios. Algumas entrevistas parecem ser parte desses mecanismos: feitas com indivíduos particulares, mas publicadas em jornais e TVs, elas parecem ser fruto de uma expressão individual que se converte diretamente em discurso público.

Por fim, Briggs menciona uma terceira ideologia, que parece bastante informada pelas duas anteriores: trata-se da noção de que os discursos, os significados e a comunicação seriam produzidos fundamentalmente através do contato humano, através da “interação face-a-face”. Não se trata, porém, de uma perspectiva “interacional” nos moldes da que tenho adotado aqui: dentro desta visão, pelo contrário, os indivíduos que interagem face-a-face também são indivíduos relativamente “descontextualizados” – como aqueles do circuito de comunicação teorizado por Saussure (Figura 1). O ponto da crítica de Briggs, neste caso, envolve o fato de que essa ideologia confere certos níveis de “autenticidade” ao

discurso dos indivíduos em função da copresença material e física no momento da interação: de certo modo, visualiza-se essa copresença como uma garantia de compreensão e transparência entre os interlocutores, uma vez que, nestas condições, supostamente haveria espaço para um alinhamento “natural” entre discursos, gestos, valores morais, sociais, etc.



Figura 1 - representação saussuriana do “circuito da fala” (SAUSSURE, 2006 [1916])

De acordo com o autor, diferentes tipos de entrevista tendem a privilegiar diferentemente uma ou mais dessas ideologias: “o modo como elas são conduzidas, analisadas e apresentadas tende a maximizar sua habilidade de incorporar noções de expressão de si, de publicidade ou de interação social” (BRIGGS, 2007a, p. 554). Ao mesmo tempo, todas as entrevistas parecem incorporar – “magicamente”, como diz Briggs – elementos destas três ideologias, “produzindo discurso que parece transformar vozes internas em discurso público através da construção de tipos particulares de subjetividade e da indução dos sujeitos à revelação de suas vozes interiores (atitudes, crenças, experiências, etc.)” (BRIGGS, 2007a, p. 554). E então, de modo particular, em relação à questão das entrevistas em pesquisas, o autor aponta que tais ideologias costumam informar significativamente as cartografias comunicáveis das nossas práticas, devendo ser pensadas como desafios importantes para as teorizações dos antropólogos – e também dos linguistas, eu gostaria de acrescentar. Ele alerta:

[O fato de] que as entrevistas incorporam essas ideologias comunicativas levanta problemas importantes que os antropólogos precisam enfrentar. Primeiro, todas as três ideologias naturalizam os tipos de alegação representacional identificados por Gayatri Spivak (1981): eu posso falar com precisão sobre você às pessoas, porque você expressou a si mesmo de forma genuína, eu estava lá com você quando você fez isso (e eu sou a mesma pessoa que está escrevendo agora), e suas palavras são fabricadas prontas [*ready-made*] para inserção em discursos públicos (tais como etnografias), para que os leitores possam sentir como se os entrevistados estivessem falando com eles. Em segundo lugar, os antropólogos são eles próprios tão seduzidos por essas construções ideológicas que as entrevistas antropológicas, em grande parte, permanecem

como caixas pretas (Latour, 1987), tecnologias tão amplamente aceitas que você pode apenas alimentá-las com perguntas e obter citações para suas publicações sem se preocupar com a pragmática complexa que faz elas funcionarem. Nossa própria assimilação dessas ideologias limita, assim, as maneiras como nós entrevistamos e refletimos sobre as nossas próprias entrevistas, e sobre as de outras pessoas (Briggs, 2007a, p. 555).

Em tempo, ecoando esta crítica de Briggs, quero ressaltar que, das três ideologias, apenas uma delas dá conta da presença de um interlocutor para quem o entrevistado fala. Mesmo assim, a presença desse interlocutor é tomada de forma neutra, de modo que o entrevistador é construído meramente como uma “testemunha” ou como um “tradutor”, e isso nos gera algumas questões importantes de ordem tanto epistemológica quanto metodológica, especialmente quando estamos trabalhando com estudos sobre performances narrativas – que constituem o centro da minha reflexão aqui. Ficamos em face de alguns desafios: se essas ideologias ainda permanecem tão pervasivas na construção das cartografias comunicáveis que informam as nossas entrevistas, como seremos capazes de produzir uma reflexão interacional sobre as performances narrativas que analisamos em nossos trabalhos? Como pensar o papel do pesquisador enquanto audiência da narrativa, se permanecermos desatentos às cartografias que nos posicionam como neutros no tipo de evento discursivo em que essas narrativas são produzidas? Como tenho argumentado aqui, acredito que o trabalho com a noção de comunicabilidade pode nos ajudar a resolver esse impasse.

Na seção a seguir, trago uma breve análise de alguns trechos de uma entrevista que realizei há algum tempo, como parte das pesquisas que venho desenvolvendo atualmente. O objetivo aqui é de revisitar os dados, para investigar as cartografias comunicáveis produzidas por mim e pela participante da pesquisa em nossa interação – a fim de problematizar, em última instância, o quanto as projeções destas cartografias entram em disputa na construção da performance narrativa.

4. ANALISANDO DADOS: PROJEÇÕES DE POSIÇÕES DE SUJEITO EM UMA ENTREVISTA DE PESQUISA

Conheci Ana,² a participante focal desta pesquisa, durante o trabalho etnográfico que tenho desenvolvido junto ao grupo *Diversidade Católica*, coletivo de católicos LGBT que se reúne na cidade do Rio de Janeiro – do qual também par-

2. Por questões éticas, o nome da participante foi alterado neste trabalho.

tipico atualmente, como membro. Ainda que eu não me lembre com precisão da época em que ela começou a frequentar as reuniões, lembro que sempre recebi com entusiasmo a sua presença, por ela ser uma das poucas pessoas negras que participam do coletivo (formado majoritariamente por homens brancos).

Foi também em função deste elemento que surgiu o meu interesse em convidá-la para participar do estudo que vinha desenvolvendo. Em algumas poucas conversas que tivemos em nossas interações nas reuniões presenciais ou em espaços virtuais do *Diversidade Católica*, o tema da raça era um constante interesse comum, e achei que seria bastante valioso para a pesquisa que eu também considerasse as performances de raça dos participantes, além dos marcadores de gênero, sexualidade e religiosidade, que eu já vinha considerando em minhas observações e em trabalhos anteriores (ARAÚJO, 2014). Assim, fiz o convite para uma entrevista, e depois de uma primeira conversa sobre todas as questões metodológicas e éticas a respeito do trabalho, agendamos uma ocasião para conversar.

Em função da rotina bastante movimentada de Ana, e da distância entre nossos locais de moradia, optamos, por sugestão dela, por fazer a entrevista através de um *software* de videoconferência pela internet,³ num começo de madrugada, em agosto de 2015. Nossa interação durou cerca de uma hora e vinte minutos, dentre os quais selecionei três pequenos excertos para concentrar minhas análises neste trabalho.

Aqui, observarei basicamente a maneira como as cartografias comunicáveis de mim e de Ana projetam diferentes posições de sujeito durante a entrevista, e como essas projeções conformam a construção das nossas performances. Uma vez que o meu trabalho está interessado em pesquisar relações entre narrativas e identidades, articulado a um debate sobre comunicabilidade, quero dar foco aos modos como as identidades mobilizadas na narrativa em entrevista funcionam a projeção de posições de sujeito em nossas cartografias comunicáveis. Trata-se, portanto, de um duplo – e simultâneo – movimento: de um lado, observar como a construção de cartografias comunicáveis molda a produção de identidades; de outro, observar como as identidades produzidas na performance informam a construção das mesmas cartografias. Tudo isso em perspectiva interacional, tentando não invisibilizar o meu papel ativo de pesquisador/audiência.

Inicio a análise com a discussão em torno do excerto 01, cuja transcrição⁴ é apresentada a seguir.

3. Desde já, cabe adiantar que alguns problemas de conexão com a internet geraram dificuldades de interação vez ou outra durante a realização da entrevista. Tais interrupções estarão marcadas nas transcrições dos dados.

4. As transcrições foram feitas de acordo com algumas convenções sugeridas por Gago (2002), autor ligado ao campo de estudos da Análise da Conversa. Devo, contudo, fazer a ressalva de que utilizei tais normas de forma adaptada, sem me ater às especificidades das transcrições feitas em pesquisas do referido campo. A tabela com os sinais utilizados está disponível ao fim do trabalho, em anexo.

EXCERTO 01

- 01 **Murilo** De início, assim, eu queria que cê me contasse um pouquinho
02 sobre a tua trajetória de vida mesmo. De como que é tua
03 formação, assim, dessa coisa de se identificar como católica, e
04 como é que esse elemento da tua sexualidade aparece, fala um
05 pouco dessa tua trajetória mesmo como lésbica, como católica,
06 como negra, esses elementos que você sente que te marcam, que
07 você sente que são fortes pra você, como é que esses elementos
08 se cruzam com a tua vivência religiosa. Eu queria que cê me
09 contasse um pouquinho desse processo.
- 10 **Ana** Então. Eu fui criada na igreja católica, né, embora minha mãe
11 não tenha sido criada assim de uma formação diretamente
12 católica, mas ela criou a gente na igreja católica, depois ela
13 começou, por causa nossa mesmo. A gente era criança assim, ela
14 perguntou se a gente queria fazer catequese, a gente falou que
15 queria, eu e a minha irmã, aí fomos. Então assim, vivi a vida
16 inteira na igreja católica. E assim. Na época da adolescência,
17 juventude assim, quando eu me descobri, diante de tudo que a
18 igreja ensinava assim foi havendo um certo conflito. Porque
19 assim, eu sempre fui muito questionadora desde criança, então eu
20 sempre questionava muito as coisas que eu via na igreja. Sempre
21 questionava. Só que ninguém me respondia e eu não tinha pra quem
22 perguntar, né. Então eu ficava meio naquela confusão interna.
23 Mas como era pra seguir o caminho do bem, pra ir pro céu, todas
24 essas coisas, então eu tentava concordar. Tentava obedecer, né.
25 Tipo, não pode com eles, alie-se a eles. Tentava viver assim.
26 Assim, eu sempre fui muito ativa na igreja, na comunidade, na
27 paróquia e tudo, então na minha adolescência eu participava da
28 Pastoral Vocacional, PJ, Pastoral de Adolescente. Só não
29 participei da Pastoral da Criança. Só. E da Pastoral da Saúde,
30 que tinha na paróquia, as outras eu participava. Então assim, eu
31 sempre fui muito ativa na paróquia, na comunidade, grupo jovem,
32 tinha fim de semana que eu passava o fim de semana inteiro na
33 igreja. Mas assim, eu tentava meio que- (1,3) o lado da
34 sexualidade deixar um pouco assim escondido, sabe? Um pouco
35 quieto já que era algo contrário do que a igreja pregava.

Se resgatarmos a noção de performatividade que discuti na segunda seção deste trabalho, devo me atentar para a necessidade de que nossas pesquisas se comprometam com a desnaturalização de certas categorias identitárias fixas, a fim de observar a maneira como elas emergem nos discursos e na linguagem: uma análise que se pretenda comprometida com a questão das performatividades precisa investigar o modo como as identidades são produzidas através dos discursos, em vez de simplesmente presumi-las. Observando esse primeiro excerto da entrevista, porém, é necessário fazer uma autocrítica, e considerar que acabei caminhando num sentido bastante oposto ao desta abordagem performa-

tiva: desde a minha primeira questão, eu já construo o tópico da interação através da atribuição de algumas categorias de identidade que projeto sobre Ana: fala um pouco dessa tua trajetória mesmo como **lésbica**, como **católica**, como **negra**, esses elementos que você sente que te marcam, que você sente que são fortes pra você (linhas 04-07, grifos meus).

Em relação à comunicabilidade da entrevista, essas três identidades mobilizadas por mim são importantes não apenas na maneira como eu percebo e construo Ana durante a interação, mas também no processo de produção das cartografias comunicáveis que definem as minhas projeções de posição de sujeito: uma vez que a minha pesquisa envolve o interesse de estudar relações entre sexualidade e religiosidade, são esses marcadores presumidos por mim que posicionam Ana como participante, como entrevistada, como alguém “autorizada” ou “capacitada” a falar sobre uma realidade que me interessa – dada ainda a minha expectativa em também investigar questões de raça, como mencionei anteriormente. Diga-se de passagem, esse tipo de abordagem encontra profundas conexões com a primeira das ideologias linguísticas criticadas por Briggs (2007a).

Em qualquer caso, uma visada sobre os dados também permite observar o quanto esse processo de produção de papéis não acontece de forma linear: se, por um lado, podemos perceber que a minha pergunta inicial é relativamente produtiva na narrativa de Ana, também é necessário observar, por outro, que esse movimento ocorre com algumas limitações em relação às minhas expectativas, o que desestabiliza a relação – de poder, inclusive – que envolve os papéis de pesquisador e de participante. Tais limitações se expressam basicamente na maneira como ela lida com as identidades projetadas por mim: ainda que construa a performance narrativa em torno da sua vivência religiosa, como eu demandei, oferece pistas muito sutis em relação à sexualidade (quando eu me descobri, na linha 17, e o lado da sexualidade, nas linhas 33-34), e simplesmente não mobiliza signos que apontem para a questão da negritude.

Essa configuração foi recorrente em todo o curso da entrevista, e lembro-me de ter ficado relativamente “frustrado” na ocasião, por não ver emergir o elemento que eu esperava que surgisse. Apenas ao final da narrativa, quando Ana mencionou um processo de desconstrução de alguns preconceitos em relação a religiões de matriz africana, foi que visualizei certo espaço para mobilizar o tópico – uma vez que essas religiões são costumeiramente associadas ao marcador de negritude no Brasil. Assim, introduzi a questão mais para o fim da entrevista, e seguiu-se a interação que transcrevo no excerto a seguir.

EXCERTO 02

- 36 **Murilo** Acho que uma última coisa. Como é que é essa coisa da sua cor e
37 da sua raça entra nessa- nesse pacote todo de coisas assim? Na
38 igreja, inclusive, ou em relação a você ser lésbica, e tal.
- 39 **Ana** Então, ultimamente que eu tenho- (1,1) Engraçado, né, eu sempre
40 fui negra, minha vida inteira (hh), mas só nos últimos tempos eu
41 passei a perceber essa diferença da gente, no tratamento com a
42 ((trecho inaudível por problemas de conexão)). Agora na
43 atualidade que eu tenho me incomodado mais. Na época que eu tava
44 participando ((trecho inaudível por problemas de conexão))
- 45 **Murilo** Ana? Ana, Ana. Ana? Oi?
- 46 **Ana** Oi, tá me ouvindo?
- 47 **Murilo** Ah. Tô sim. Volta um pouquinho?
- 48 **Ana** Então, quando eu participava ativamente da igreja, eu nunca
49 senti nenhuma diferença, sabe? Eu não sentia diferença, o fato
50 de eu ser negra e a minha vivência na espiritualidade, na
51 religião, todas essas coisas. Eu não sei se é porque eu nunca
52 prestei atenção, ou não prestava, sei lá, preferia não prestar
53 atenção. Eu percebi isso mais assim nos últimos tempos, porque
54 atualmente eu tenho estado mais atenta pra essas coisas, sabe? O
55 fato de ser lésbica, mulher e negra, e todo esse contexto nosso
56 social, a faculdade, todas essas coisas. ((trecho inaudível por
57 problemas de conexão)). Tem certas coisas que me incomodam aí às
58 vezes, sabe? Na própria vivência ((trecho inaudível por
59 problemas de conexão))
- 60 **Murilo** Na própria vivência do quê? Eu não entendi.
- 61 **Ana** Eu disse na própria vivência assim social, eu nunca prestei
62 atenção de alguma diferença por eu ser negra, qualquer coisa
63 assim, entende? Eu só tenho prestado mais atenção nisso depois
64 que eu voltei, de cinco anos pra cá.
- 65 **Murilo** Eu tô perguntando mais assim porque você comentou em algum
66 momento, por exemplo quando você falou do preconceito que você
67 acabou criando com as religiões afro, por exemplo.
- 68 **Ana** Aham
- 69 **Murilo** E você disse que esse preconceito foi muito em relação a questão
70 da Igreja, assim. Você acha que de alguma maneira a tua vivência
71 na igreja interferiu nesse teu processo de se reconhecer como
72 negra?
73
- 74 **Ana** (7,4) pior que eu não sei dizer.
75
- 76 **Murilo** Ah, tudo bem, então.

Neste excerto, Ana chega a atender a minha demanda a respeito da questão da raça, alterando o curso de sua performance narrativa em função do tópico

que eu mencionara na interação. Ainda se desviando das minhas expectativas, porém, ela mobiliza signos apenas ligados à sua vivência social mais ampla, como lésbica, mulher e negra (linha 55), sem estabelecer conexões muito explícitas entre estas categorias de identidade e a sua experiência religiosa, que era o que eu pretendia observar. No sentido exatamente contrário, ao mencionar a questão da religiosidade, ela aponta que não sentia diferença (linha 49), sem estabelecer relações muito explícitas entre estes marcadores.

Perceba-se, então, que eu começo a recontextualizar o tópico da raça em diversas questões, que vão construindo efeitos pragmáticos distintos no curso da interação – e se estas questões nunca foram respondidas de acordo com as minhas expectativas, isso se deve precisamente a um conflito de cartografias comunicáveis: ao construir as minhas perguntas, fui projetando os modos como imaginei que Ana as receberia; e diante da constante falta de resposta às minhas projeções, fui reformulando a questão, projetando novas formas de recepção, e assim por diante.

Como podemos observar, a minha primeira pergunta, ainda no excerto 01, é formulada de modo bastante aberto, tentando criar espaço para que Ana construísse a sua performance em múltiplas formas possíveis: Eu queria que cê me contasse um pouquinho desse processo. (linhas 08-09); depois de uma sucessão de reformulações, acabo chegando a uma última questão, que por sua vez toma forma bastante distinta, demandando uma resposta fechada e assertiva: Você acha que de alguma maneira a tua vivência na igreja interferiu nesse teu processo de se reconhecer como negra? (linhas 70-72). E é só aí que o conflito de cartografias se resolve – não pelo atendimento às expectativas que eu projetara, nem pela construção das identidades que eu presumira; mas fundamentalmente através da explicitação de uma certa disparidade entre cartografias e compreensões de identidade, quando Ana responde, depois de uma longa pausa: (7,4) pior que eu não sei dizer. (linha 74).

Diga-se de passagem, ainda que eu me decepcione com a “constatação” de que andei adotando práticas como estas – que não respondem adequadamente aos posicionamentos teóricos, metodológicos, epistemológicos e mesmo políticos a que me alinho –, fico relativamente fascinado em revisitar estes dados e observar na prática a dinâmica que estas teorias recorrentemente me fazem pensar: falar de comunicabilidade é importante porque a comunicação não acontece de forma linear e transparente como por vezes supomos. Retomarei algumas destas reflexões ao fim do trabalho.

Antes, porém, quero apresentar ainda um último excerto, que ajuda a compreender não só a dinâmica como eu crio demandas e expectativas a respeito da

performance de Ana, mas também a maneira como ela também me posiciona e coloca em funcionamento as próprias cartografias comunicáveis em relação à dinâmica da entrevista.

EXCERTO 03

77 **Ana** Eu questionava muito Deus porque a igreja dizia uma coisa mas
 78 ele ((inaudível)) outra, por que... por que tudo isso? Um
 79 discurso totalmente diferente do discurso do Cristo, que foi
 80 amar o outro, todas essas coisas, mas eu não tinha com quem
 81 conversar essas coisas porque o pessoal que eu conheço da
 82 igreja, quando eu convivia lá na comunidade são pessoas da
 83 Renovação Carismática. Então cê imagina a cabeça, [do pessoal]

84 **Murilo** [Aham]

85 **Ana** da Renovação Carismática. É:: então não tinha com quem conversar
 86 sobre esses questionamentos, mas sempre- eu sempre questionava,
 87 sempre lia muito, tudo, aí fui ficando mais assim "ah, quer
 88 saber de uma coisa? Então- não acredit- ((trecho inaudível por
 89 problemas de conexão)

Neste trecho, Ana investe em um relato a respeito das suas questões e incômodos em relação à homofobia na sua comunidade de fé, criticando certa falta de espaço para dialogar sobre temas ligados à sexualidade em sua vivência religiosa. A fim de tornar mais claro o contexto da interação aqui, cabe dizer que neste momento estávamos dialogando a respeito das práticas religiosas de Ana, de modo que ela comentava elementos ligados à rotina da sua comunidade e impressões a respeito de certos movimentos e grupos católicos, particularmente em sua paróquia. O centro da sua crítica girava em torno do fato de que, em sua leitura, muitas das práticas e rotinas desses grupos – e da Igreja, em sentido mais amplo – incorriam em Um discurso totalmente diferente do discurso do Cristo, como ela menciona nas linhas 78-79.

O que quero destacar no excerto 03, porém, é o movimento interacional – relativamente sutil – que Ana constrói para organizar este trecho de sua performance. Chamo atenção especificamente para a mobilização da referência Renovação Carismática (linha 83), que aparece como o primeiro signo em sua narrativa a apontar para este modo particular de “ser católico”, que ela descreve criticamente. A saber, trata-se da Renovação Carismática Católica (RCC), um movimento que existe no Brasil desde os anos 70, e que ganhou força significativa a partir dos anos 90. Nas últimas décadas, encontrando respaldo especial na teologia moral mais conservadora do papa João Paulo II, em um contexto de pós-ditadura, a RCC foi figura central no enfraquecimento das lutas sociais e do envolvimento

político da Igreja no Brasil – o que antes era protagonizado por setores ditos progressistas como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e outras pastorais de esquerda. Nesse caminho, os grupos chamados “carismáticos” historicamente advogam oferecer abordagens inovadoras para práticas e ritos da Igreja, mas sem “desviar-se” da doutrina, mantendo posturas bastante conservadoras em relação aos dogmas, e especialmente em relação à sexualidade e outros temas tomados como casamento, castidade, reprodução, etc. Ao mencionar a RCC, neste caso, Ana mobiliza a imagem de um catolicismo construído por ela como conservador, pouco aberto à reflexão crítica e, em última instância, homofóbico.

A questão que quero levantar é que nada disso está explicitado na simples mobilização do signo *Renovação Carismática* (linha 83), e é a isso que me refiro quando falo no movimento interacional que Ana articula. Meu ponto é que, ao mobilizar uma referência à RCC sem o acompanhamento de nenhum signo explícito de predicação ou de avaliação, Ana parece projetar sobre mim a expectativa de que eu compartilhasse de seu repertório sociocomunicativo, não só para o reconhecimento de que grupo católico era aquele que ela mencionara, mas fundamentalmente para a interpretação dos sentidos negativos que ela atribuía a ele. Logo em seguida, a pista *Então cê imagina a cabeça, [do pessoal]* (linha 83), aponta exatamente para esta expectativa.

Assim, o que entra em jogo aqui, mais uma vez, são projeções de posições de sujeito por meio das quais Ana desestabiliza a comunicabilidade da relação pesquisador-participante que parecia estar em funcionamento no decorrer da entrevista: ao projetar implicitamente uma certa avaliação, criando a expectativa de que eu a interpretasse apenas a partir da menção à RCC, Ana não só se posiciona como um certo tipo de católico, como também me retira da posição de pesquisador, e me reposiciona no mesmo lugar que ela – o de um católico, membro de um mesmo grupo (o *Diversidade Católica*), que compartilha certas ideologias e certos repertórios sociocomunicativos. A relação de autoridade, aqui, se desconfigura.

Neste caso, a minha resposta – um breve *[Aham]* (linha 51) – tem efeito na construção da performance narrativa de Ana: ao responder afirmativamente, eu não apenas sinalizo que compreendi os sentidos que ela mobiliza, como também respaldo a posição de sujeito que as suas cartografias comunicáveis projetam sobre mim. Desse modo, a entrevista segue sem muitos embates ou muitas necessidades de negociação em relação a estes posicionamentos que compartilhamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões que tentei levantar neste artigo envolvem o desafio particular de tocar em uma gama muito vasta de temas, que demandam reflexões teóricas bastante disputadas em diversos campos de teorização e de reflexão metodológica. Precisamos falar sobre comunicabilidade, sobre práticas de pesquisa em linguística aplicada, sobre entrevistas, sobre narrativas, sobre identidades, sobre performances e performatividade, enfim, uma série de tópicos que volta e meia emergem no curso da discussão, com conexões por vezes explícitas, por vezes nem tanto. Não é uma tarefa simples.

A despeito das dificuldades em fazer esta articulação, porém, acredito ter conseguido levantar ao menos alguns primeiros elementos que apontam para a produtividade de uma reflexão sobre questões de comunicabilidade em nossas pesquisas sobre performances narrativas. E ainda que eu não tenha pretensão de encerrar a discussão, acredito que a breve análise feita aqui é especialmente eloquente em relação a esta importância: muitos dos elementos que observei nos dados certamente passariam “despercebidos”, se não fosse adotado um olhar mais cuidadoso sobre as projeções de produção, circulação e recepção de discurso que foram feitas por mim e por Ana no curso da nossa interação.

Considerando de modo especial o interesse em questões de identidade, que é central em pesquisas sobre performances narrativas – incluindo a minha própria – destaco particularmente o modo como são construídas as relações entre cartografias comunicáveis e identidades, uma vez que essas cartografias também criam projeções a respeito de certas posições de sujeito. Se entendemos, como Langellier (2001), que narrativas são “batalhas performativas”, é importante refletir sobre o papel central que as nossas cartografias comunicáveis desempenham, na medida em que são performativas em si mesmas: não apenas mapeiam e projetam trajetórias textuais e subjetividades, como também constroem essas subjetividades em interação, sempre a partir de certas relações sociais e de poder. Em relação à questão das entrevistas, tais discussões podem ser valiosas para imprimir complexidade aos nossos estudos, especialmente em relação a um panorama teórico e metodológico em que essas questões passam relativamente invisibilizadas na relação pesquisador-participante.

Além disso, a despeito do meu foco nas identidades e nas posições de sujeito, também cabe destacar a importância da discussão sobre comunicabilidades na investigação de outras questões nem sempre observadas cuidadosamente em nossos trabalhos. É importante pensar com mais afinco, por exemplo, na projeção de **trajetórias de circulação e recepção** nas cartografias comunicáveis dos inte-

ragentes, a fim de complexificar a teorização sobre a audiência das performances narrativas elicitadas em contextos de entrevista: como configurar essa audiência, e como pensar o seu papel produtivo na co-construção da performance, se levarmos em conta que a narrativa será registrada, transcrita e recontextualizada pelo pesquisador em muitos outros eventos discursivos para além da entrevista em si? Ou ainda: em que medida essa circulação por diferentes escalas – do mais micro ao mais macrossocial – aparece projetada nas cartografias comunicáveis dos narradores que entrevistamos?

Em síntese, o desafio proposto pela ideia de comunicabilidade aqui é o de investigar performances narrativas em entrevistas não só com o esforço de observar os sentidos que emergem durante as performances; mas também com o de **transformar a própria rotina das entrevistas** em objeto de investigação, como Briggs (2007a) propõe. Inevitavelmente, isso também nos leva a pensar na necessidade de “desconfiarmos” constantemente das nossas ideologias a respeito da linguagem e da comunicação, pensando os modos como essas ideologias informam as nossas práticas e posturas de pesquisa, a fim de evitar tanto quanto for possível a construção de cartografias comunicáveis pautadas em relações sociais, institucionais e de poder que sejam desiguais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Murilo Silva de. “*O amor de Cristo nos uniu*”: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo Diversidade Católica. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2014.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014 [1929].
- BRIGGS, Charles. Communicability, Racial Discourse, and Disease. *Annual Review of Anthropology*, v. 34, p. 269-291, out. 2005.
- _____. Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. *Current Anthropology*, v. 48, n. 4, p. 551-580, 2007a.
- _____. Mediating Infanticide. Theorizing Relations between Narrative and Violence. *Cultural Anthropology*, v. 22, n. 3, p. 315-356, 2007b.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Londres: Routledge, 1997.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014 [1990].
- COUPLAND, N.; GARRETT, P.; WILLIAMS, A. Narrative demands, cultural performances and evaluation: teenage boys’ stories for their peers. In: THORNBORROW, Joanna;

COATES, Jennifer (Org.). *The Sociolinguistics of Narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 67-88.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narratives: Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de Transcrição. *Revista Veredas*, v. 6, n. 2, p. 18-113, dez/2002.

LANGELLIER, K. M. 'You're marked'. Breast cancer, tattoo, and the narrative performance of identity. In: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Ed.). *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2001. p. 145-184.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. On being white, heterosexual and male at school: multiple positionings in oral narratives. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINNA, A.; BAMBERG, M. *Identity and discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 288-313.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SQUIRE, Corinne et al. *What is narrative research*. Londres: Bloomsbury, 2014.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, Joanna; COATES, Jennifer (Org.). *The Sociolinguistics of Narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 261-278.

WORTHAM, Stanton. *Narratives in Action: A Strategy for Research and Analysis*. New York: Teachers College Press, 2001.

ANEXO: Convenções de Transcrição (Gago, 2002, adaptado)

| | |
|-------|---|
| . | Entonação descendente. |
| ? | Entonação ascendente. |
| , | Entonação de continuidade. |
| - | Corte abrupto na produção do som. |
| (h) | Riso |
| (0,0) | Silêncio. A unidade de contagem de tempo é o segundo. |
| (()) | Comentários do pesquisador. |